

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E CONTEXTO SOCIAL: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Educação Inclusiva e Contexto Social: Questões Contemporâneas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação inclusiva e contexto social [recurso eletrônico] : questões contemporâneas / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Educação Inclusiva e Contexto Social. Questões Contemporâneas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-431-3 DOI 10.22533/at.ed.313192506 1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação inclusiva. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 379.81
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO VOL. 1

O livro “Educação Inclusiva e Contexto Social: Questões Contemporâneas” foi dividido nos Volumes 1 e 2, totalizando 56 artigos de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil. O objetivo de organizar esta coleção foi o de divulgar relatos e pesquisas que apresentassem e discutissem caminhos para uma educação inclusiva permeando contextos sociais distintos.

Neste Volume 1 “A educação inclusiva e os contextos escolares”, foram reunidos 26 artigos que apresentam discussões partindo da formação de professores à aplicação de políticas públicas voltadas para a educação inclusiva, não somente da inclusão dos sujeitos com algum grau de deficiência física ou mental, mas também, a partir da inclusão, por exemplo, por meio da pedagogia hospitalar, do jovem e adulto e dos “superdotados”.

No Volume 2, os artigos foram agrupados em torno de três temáticas principais. São elas: “Deficiência intelectual e inclusão educacional”, “Cegos, surdos e vivências no ambiente escolar” e “Diversidade da educação inclusiva”. Esta coleção é um convite à leitura, pesquisa e a troca de experiências.

Entregamos ao leitor o Volume 1 do livro “Educação Inclusiva e Contexto Social: Questões Contemporâneas”, com a intenção de divulgar o conhecimento científico e cooperar com o diálogo acadêmico na direção de uma educação cada vez mais inclusiva.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: CONTRIBUIÇÕES DA TECNOLOGIA ASSISTIVA	
Paulo Roberto Silva Sheila Venancia da Silva Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.3131925061	
CAPÍTULO 2	11
A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO E A EDUCAÇÃO: ANÁLISE INSTITUCIONAL A PARTIR DA ARQUITETURA DE UMA ESCOLA PÚBLICA	
Paulo Emílio Gomes Nobre Adriano de Souza Alves	
DOI 10.22533/at.ed.3131925062	
CAPÍTULO 3	15
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO AEE NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE ANDRADINA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Izabel de Lourdes Gimenez Souza	
DOI 10.22533/at.ed.3131925063	
CAPÍTULO 4	28
ANÁLISE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA DECLARAÇÃO DE SALAMANCA E LDB	
Ângela Martins de Castro Daniel de Oliveira Perdigão Mariana Lima Vecchio	
DOI 10.22533/at.ed.3131925064	
CAPÍTULO 5	34
APROPRIAÇÃO DE CONCEITOS CIENTÍFICOS NO CONTEXTO ESCOLAR A PARTIR DE SITUAÇÕES PROBLEMA: UM ESTUDO DE CASO	
Janete Aparecida Guidi Viviane Gislaine Caetano Auada Elsa Midori Shimazaki Rozana Salvaterra Izidio	
DOI 10.22533/at.ed.3131925065	
CAPÍTULO 6	48
CAPACITAÇÕES DE PROFESSORES PARA ATUAÇÃO NO ENSINO DE CRIANÇAS ESPECIAIS NA REDE REGULAR DE ENSINO: SUBSÍDIOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Grazielle Carolina de Almeida Marcolin Luana Taik Cardozo Tavares Alan Rodrigues de Souza Kíssia Kene Salatiel Meiry Aparecida Oliveira Vieira Lucilene Cristiane Silva Fernandes Reis Érica Gonçalves Campos Débora Paula Ferreira Jéssica Aparecida Rodrigues Santos Rozangela Pinto da Rocha Camila Neiva de Moura	

DOI 10.22533/at.ed.3131925066

CAPÍTULO 7 54

CONHECIMENTO PRÉVIO COMO MATÉRIA PRIMA PARA O APRENDIZADO: TEORIA DE DAVID AUSUBEL SOB O OLHAR DE MARCO ANTÔNIO MOREIRA

[André Luiz Borges da Silva](#)

[Thaís Ayres da Silva](#)

DOI 10.22533/at.ed.3131925067

CAPÍTULO 8 61

CONTRIBUIÇÕES DA TUTORIA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL/INCLUSIVA

[Aline Soares Guimarães](#)

[Angélica Marinna Cardoso Mota](#)

[Camila Alves Lima Gomes](#)

[Sinara Pollom Zardo](#)

DOI 10.22533/at.ed.3131925068

CAPÍTULO 9 76

CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM NECESSIDADES ESPECIAIS DE SAÚDE: PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO

[Caroline Thaís Both](#)

[Andressa da Silveira](#)

[Cristina Numer](#)

[Neila Santini de Souza](#)

DOI 10.22533/at.ed.3131925069

CAPÍTULO 10 88

DIFICULDADES DE ACESSO E PERMANÊNCIA DE ADOLESCENTES COM CÂNCER NA EDUCAÇÃO BÁSICA

[Cristina Bressaglia Lucon](#)

DOI 10.22533/at.ed.31319250610

CAPÍTULO 11 99

EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA NA AMAZÔNIA AMAPAENSE: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NO CONTEXTO DA ESCOLA DO CAMPO

[Taiana Furtado dos Anjos](#)

[Allan Rocha Damasceno](#)

[Pedro Clei Sanches Macedo](#)

DOI 10.22533/at.ed.31319250611

CAPÍTULO 12 111

EDUCAÇÃO INTEGRAL E AS POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO DOS SUJEITOS APRENDENTES

[Gleiciane Álice Oliveira de Carvalho](#)

[Andrezza Belota Lopes Machado](#)

DOI 10.22533/at.ed.31319250612

CAPÍTULO 13 124

JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA EM INSTITUIÇÕES ESPECIALIZADAS: QUESTÕES DA VIDA ADULTA

[Thais da Silva Oliveira](#)

[Gabriela Brutti Lehnhart](#)

Sabrina Fernandes de Castro
DOI 10.22533/at.ed.31319250613

CAPÍTULO 14 136

O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM GRUPO NA SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Solange Regina Alves André
DOI 10.22533/at.ed.31319250614

CAPÍTULO 15 146

O CONTEXTO DAS DIFERENÇAS: CONCEPÇÕES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Cheila Dionísio de Mello
DOI 10.22533/at.ed.31319250615

CAPÍTULO 16 157

O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NA ÓTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA

Marcus Edson Carilo de Mello Vieira
Tâmara Gabriella de Souza Cardoso
Joslei Viana de Souza
DOI 10.22533/at.ed.31319250616

CAPÍTULO 17 164

O TRABALHO INTERDISCIPLINAR COMO POTENCIALIZADOR DE APRENDIZAGENS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Fabiana Neves Bertolin
Edí Marise Barni
DOI 10.22533/at.ed.31319250617

CAPÍTULO 18 175

OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR

Karolini Galimberti Pattuzzo Breciane
Isabel Matos Nunes
DOI 10.22533/at.ed.31319250618

CAPÍTULO 19 189

OS PARQUES INFANTIS: ANÁLISE LEXICAL DE TEXTOS SOBRE ESSES ESPAÇOS EDUCACIONAIS INCLUSIVOS

Aline de Novaes Conceição
DOI 10.22533/at.ed.31319250619

CAPÍTULO 20 199

PEDAGOGIA HOSPITALAR E INCLUSÃO: UM DIREITO À EDUCAÇÃO

Maria Elaine Gonçalves de Menezes Pinheiro
Maria Roseane Gonçalves de Menezes
Jocilene Maria da Conceição Silva
DOI 10.22533/at.ed.31319250620

CAPÍTULO 21 208

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA SOBRE ATITUDES SOCIAIS PARA INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: ESTUDO INTRODUTÓRIO

Felipe Rodrigues Martins

Sandra Regina Barbosa
Edicléa Mascarenhas Fernandes
DOI 10.22533/at.ed.31319250621

CAPÍTULO 22 215

PISTOLA: UMA HISTÓRIA INTERDISCIPLINAR, CAMINHOS DE INCLUSÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Giovana Toscani Gindri
Nathalia Neresi Pavanelo
Raquel Brondísia Panizzi Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.31319250622

CAPÍTULO 23 227

O PROEJA : POR UMA POLÍTICA PÚBLICA CONTÍNUA

Maria Luzenira Braz
Divina Elecir de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.31319250623

CAPÍTULO 24 237

PROTAGONISMO DO CORPO DISCENTE COMO PRÁTICA INOVADORA E INCLUSIVA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FTESM

Bárbara de Britto Terra Nova Gonçalves
Viviane da Costa Bastos

DOI 10.22533/at.ed.31319250624

CAPÍTULO 25 249

TECNOLOGIA ASSISTIVA: COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA NO CONTO E RECONTO DE HISTÓRIA NA ESCOLA

Débora Deliberato
Fernanda Delai Lucas Adurens

DOI 10.22533/at.ed.31319250625

CAPÍTULO 26 260

MODOS DE SER AMOROSO DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO SURDO NA SUA RELAÇÃO COM UM OUVINTE: O CASO DA PELÍCULA JAPONESA “HIDAMARI GA KIKOERU” (2017)

DE DAISUKE KAMIJÔ

Rute Léia Augusta da Silva
Hiran Pinel
Vitor Gomes

DOI 10.22533/at.ed.31319250626

SOBRE O ORGANIZADOR..... 275

MODOS DE SER AMOROSO DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO SURDO NA SUA RELAÇÃO COM UM OUVINTE: O CASO DA PELÍCULA JAPONESA “HIDAMARI GA KIKOERU” (2017) DE DAISUKE KAMIJÔ

Rute Léia Augusta da Silva

Mestranda Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação
em Educação - UFES/ CE/ PPGE
silcra@hotmail.com

Hiran Pinel

Professor titular
UFES/ CE/ PPGE
hiranpinel@gmail.com

Vitor Gomes

vitorgomes76@hotmail.com
Professor
UFES/ CE/ PPGE

RESUMO: Objetiva descrever fenomenológico e existencialmente os modos de ser de um estudante surdo e outro ouvinte, estando ambos envolvidos no processo de surdez e a surdez propriamente de um deles. O referencial teórico adotado baseia-se nos estudos de Forghieri (et al., 1984; 2007; 2017), abordando o conceito de mundo - o (mundo) circundante, o humano e o próprio, que são vividos indissociados. A metodologia utilizada foi a fenomenológica (FORGHIERI, 2017) exigindo dos pesquisadores, ao mesmo tempo, envolvimento existencial com o fenômeno do estudo e distanciamento reflexivo, quando descrevem os possíveis vividos pelos personagens. O tema de estudo constituiu-se nos modos de ser no mundo dos dois personagens. O

objeto (ferrament) é o filme japonês “Hidamari ga kikoeru” (2017), de Daisuke Kamijô, classificado como yaoí. Os resultados e as discussões fenomenológicas apontam um pano de fundo embasado nos modos de ser amorosos dos personagens, em um complexo mundo, e partir dessa constatação experiencial, reflete sobre uma possível educação especial escolar e não escolar que possa acontecer no ensino superior, baseada com encontros humanos provocadores do ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Modos de ser no mundo, amor e psicologia fenomenológico-existencial, educação especial na surdez no ensino superior, cinema japonês.

SUMMARY: It aims to describe phenomenologically and existentially the ways of being of a student deaf and another listener, both being involved in the process of deafness and the deafness proper of one of them. The theoretical framework adopted is based on the studies of Forghieri (et al., 1984, 2007, 2017), approaching the concept of the world - the surrounding world, the human and the own, which are lived in an undivided relationship. The methodology used was the phenomenological one (FORGHIERI, 2017) requiring the researchers, at the same time, existential involvement with the phenomenon of study and reflective distancing, when describing the possible lived by the characters. The subject

of study was constituted in the ways of being in the world of the two personages. The object (tool) is the Japanese film “Hidamari ga kikoeru” (2017), by Daisuke Kamijô, classified as yaoi. The phenomenological results and discussions point to a backdrop based on the characters’ loving ways in a complex world, and from this experiential observation, reflects on a possible special school and non-school education that can happen in higher education based on human encounters provoking teaching-learning. **KEYWORDS:** Modes of being in the world, phenomenological-existential love and psychology, special education in deafness in higher education, Japanese cinema.

INTRODUÇÃO

O homem é um ser marcadamente social. Por meio da relação com o outro, seu modo de perceber o mundo se concretiza e é nesta relação de ser junto ao outro que se manifesta a, linguagem, entendida como uma ferramenta importante na vida do homem, pois permite a comunicação, uma importante ferramenta na construção das narrativas, que desvelam modos de ser.

Ao narrar suas experiências de vida, o homem está a administrar seus sentimentos, a confidenciar suas angustias, desejos, anseios, de modo que as narrativas das vivências que desvelam os modos de ser de um homem podem ser reveladas por meio de contação de histórias reais ou imaginadas. O cinema mesmo, tem sido um dispositivo para essa cont(ação) de histórias, que vão à tela muito a partir do vivido real e imaginário. Compreende-se que o homem estabelece uma relação entre a vida e arte para pensar, sentir e agir a sua própria realidade e de seus companheiros - o outro.

Neste contexto, o cinema japonês e suas propostas provocativas sobre o modo de ser do homem junto e com ao mundo nos possibilita compreender a vida por meio das representações artísticas. O cinema japonês tem muito a nos dizer sobre o modo de vida de seu povo e tem sempre uma proposta de reflexão sobre a sua sociedade e a sociedade mais global, podendo abarcar a brasileira. Kunigami (2009) nos informa que o cinema japonês traz em suas produções uma proposta de reflexão sobre a realidade e revela-se como um importante espaço de movimento de política e resistência contra discursos hegemônicos. Este movimento de resistência, de fazer-se presente mesmo quando há uma forte tentativa de apagamento, de destituição da cultura de um povo e de um indivíduo, pode ser facilmente percebida na produção do filme Hidamari ga kikoeru (Japão,2017), cujo cineasta é Daisuke Kamijô.

Desta forma, é pertinente expor que, a análise do filme “Hidamari ga kikoeru” (Japão,2017), surgiu do nosso interesse pelo “cotidiano existencial” (PINEL, 2005), movidos pelo amor que em nós é despertado no revelar da vida em seus detalhes comuns, nos movimentos produzidos pelo homem no encontro com outro - que marcará o si mesmo de alteridade, no mundo.

O filme conta a história de dois jovens estudantes, Twaichi Sagawa e Kohei

Sugihara, agora na universidade.

Sagawa é um jovem empobrecido e um ouvinte. Já Sugihara é um jovem de classe média, e está vivenciando algo inusitado, desde o ensino médio, isto é, ele está gradativamente se tornando surdo devido a uma perda auditiva neurológica sensorial, que no caso ela acontece de modo bem gradual ou progressiva. Os dois rapazes estão em processo vivido, mas em Sugihara isso é vital: tal como os modos de ser, ele está se entregando ao vivido de estar, ainda jovem, ficando surdo, e sente isso, procura conhecer isso, ele atua também resistindo, protestando, mas acalmando pelo amor, pois na narrativa, o amor o acalma e relaxa ao outro. A relação entre estes dois jovens, que surge a partir do encontro no espaço escolar, nos leva a compreender a educação e seu papel na vida do aluno deficiente. Sagawa é astuto, vivo, alegre e de origem pobre, chegando a não ter o que comer.

Nesta perspectiva, a escola se apresenta com grande importância na vida deste indivíduo e nos convida a pensar o cenário dicotômico que se apresenta em seu seio, pois, embora a escola seja um espaço que tem a missão de constituir-se num lugar de encontro das diferenças, ela pode ser configurar como um desafio para o sujeito descrito clinicamente como aluno deficiente, uma vez que, a grande maioria das instituições escolares ainda não capturou o sentido da educação especial na perspectiva inclusiva.

Este artigo é um estudo fenomenológico (FORGHIERI, 2017) do filme japonês “Hidamari ga kikoeru” ou “-ひだまりが聴こえる-” ou aproximando-se a uma tradução possível: “Hidamari pode ser escutado” (2017), dirigido pelo cineasta Daisuke Kamijô (だいすけかみじょ), tratando-se do seu segundo filme. O primeiro se chamou Kabuki Drop (2016). Ele escreveu cinco roteiros filmados: “DTC -Yukemuri Junjou Hen- from HiGH & LOW” (2018); “High & Low: The Movie 3 - Final Mission” (screenplay; 2017); “High & Low: The Movie 2 - End of SKY” (screenplay, 2017); “Kabuki Drop” (screenplay, 2016); “Hee” (adaptation e edição, 2015). O filme foi lançado em 24 de junho de 2017, com um total de 1 hora e 12 minutos, cujos protagonistas (e seus personagens) são: o ator Onodera Akira (personagem: Sagawa Taiichi) e Tawada Hideya (personagem: Sugihara Kohei, um estudante que gradualmente vai ficando surdo).

Os jovens estudantes do ensino superior, Sagawa e Sugihara, nos parece bem mergulhados num processo semelhantes ao **fūrin** (風鈴) - aqueles pequenos sinos, que colocados acoplados à janela ou na varanda, por exemplo, ficam ao bel prazer dos ventos, e ao balançarem, emitem leves e suaves sons (ou sons estridentes - vai depender da força dos ventos), que podem ser percebidos fenomenologicamente como misteriosos e prenhe de significados que podem impregnar os modos de ser. Ao ser tocado pelo vento, o **fūrin** emite o tal som que é a representação da intensidade do vento e o que ele emite é também uma arma que espanta os maus espíritos. Os dois são como esses furins, corpos encarnados, soltos aos ventos da universidade, produzindo sons de todos os matizes.

Sagawa e Sugihara revelam-se logo no início como dois pólos opostos, mas que se complementam - intensidade e afastamento, relaxamento e alguma tensão quando a zoeira emitida parece estridente, perturbadora.

Sagawa representa um movimento vultuoso, aflito, agressivo, abandonado, lutando para permanecer na universidade ante a sua dificuldade financeira - e a comida é seu elo de ligação, pelo menos no começo. Não em vão, “fazer comida” torna-se um ato de compaixão, com+paixão, mas acima de tudo de sedução. Por sinal, a comida como ato de amor é quase um clichê no cinema, como no cultuado “*A festa de Babette*” (Dinamarca, 1987, de Gabriel Axel), dentre outras películas e séries de TV. Já Sugihara mostra-se num misto de timidez, medo, solidão, ausência, silêncio e reclusão, também lutando para sobreviver num mundo majoritário e “ouvintista” do qual gradativamente vai sendo excluído em razão da perda auditiva que lhe ocorre progressivamente, exclusão essa que penetra no seu modo de ser. O duelo é entre o “seme” (extrovertido, masculino, marido, ativo) e “uke” (introvertido, feminino, esposa, passivo):

A obra de arte denominada yaoi, sem haver consenso acerca do que e como é, pode descrever o amor ingênuo entre dois rapazes. Tais narrativas podem ser expressadas em dispositivos como os mangás, os animes, os filmes e vídeos com humanos etc. Há uma tendência, em vez de yaoí, escrever o termo “BL” ou arte que aborda o amor (love) entre rapazes (boys), outros preferem dizer simplesmente “filme gay” - mas percebemos diferenças entre os termos quando aplicados às artes, à literatura e à poesia. Uma obra de arte yaoí pode apresentar duas fortes representações psicossociais advindas de uma sociedade dicotômica e mais tradicional, e que podem marcar o cotidiano existencial do ser e dos seus modos no mundo: [1] o ser “seme” (ser o ativo da relação; o que penetra o outro); [2] o ser “uke” (o passivo, que é penetrado). O termo “seme” é derivado do verbo japonês *semeru* (atacar) e *uke* vem do verbo *ukeru* (receber) e traz todo um universo produzido socialmente como sedutor que irá evocar os modos de ser nessas vivências (...) Entretanto, está havendo um movimento de intelectuais, artistas e fãs contra essa dicotomização, apregoando uma indissociação de papéis - e criando um outro rol, mais inventivo, porém mais ameaçador, que é o de ser versátil, ou o que isso possa significar, indicando todas as possibilidades de ser com o outro, no mundo (PINEL, 2005; p. 81).

Cada um vivendo ao seu modo particular de introjetar o mundo real e sentir e agir sobre ele. Os dois vivem a angústia de ser jovens, estudantes, desafiados por sua limitação ante ao mundo circundante, e é nesta oposição que pode ser um elo que os une, é que se apresenta o maior desafio do ser-aí que Heidegger (FORGHIERI, 2017) nos diz acerca de ser a existência do homem (Dasein), que pode ser o modo angustiado desse ser concreto, no processo de viver junto e com o outro no mundo. Este modo se dá por meio do envolvimento no mundo humano, e que Forghieri (2017), descreve como sendo o encontro e convivência de um ser com o outro, do homem com seu semelhante.

[...] temos a capacidade de compreendermos mútua e imediatamente, por sermos fundamentalmente semelhantes, embora na concretude do nosso existir cada um apresente algumas peculiaridades em seu perceber e compreender as situações (FORGHIERI, 2017 p.35).

Assim, o fenômeno do estudo encaminha-se para compreender a amizade e o amor surgido entre dois jovens universitários que selados em um acordo gradual de cuidado com o outro, a fim de que ambos possam permanecer no espaço acadêmico, pelo com+viver. A questão de pesquisa se coloca da seguinte maneira: O que é e como é o sentido de amizade e amor quando estes dois sentimentos se dão numa relação de interesses, de articulações e de movimentos para a permanência no espaço (e tempo) escolar de dois jovens universitários?

Objetiva-se descrever de modo compreensivo, com base no filme japonês “Hidamari ga kikoeru” (2017) o que é e como é o modo de ser de amizade e amor entre os dois jovens universitários representados no filme – um habitando em um corpo descrito ideologicamente como perfeito, sem limitações físicas, porém com dificuldade financeira para alimentar-se, logo algo que pode atacar seu corpo, e o outro, vivendo a perda progressiva de sua audição, porém, tendo uma condição financeira que nos parece típico do que se denomina de classe média. Ambos os jovens vivenciando o instante formativo, perspectivando um futuro profissional, em um curso superior, sendo afetados cotidianamente nos seus corpos encarnado no “mundo”. Descrevemos aqui-agora o mundo que se configura configura-se como: mundo circundante, mundo humano e mundo próprio, como em Forghieri (2017).

EDUCAÇÃO ESCOLAR, EDUCAÇÃO ESPECIAL E REPRESENTAÇÃO NO CINEMA

A educação escolar é um tema que é estudado, pesquisado e praticado refletido por vários cientistas, pedagogos, professores e pode, com isso, revelar nosso desejo de fazer uma educação humanista-existencial emancipadora - donde valoriza a pessoa como ser no mundo das relações psicossociais abrindo a uma educação provocadora, pois como prática da liberdade (FREIRE, 1967; PINEL, 2005 - dentre muitos outros).

Singer (1977) ao descrever práticas de sucesso de escolas democráticas, ela traz à lume o que chamamos de escolas de resistência: [1] de “Yasnaia-Poliana” - de Tolstoi; [2] “Lar das Crianças” - de Janusz Korczak; [3] “Escola de Sumerhill” - de Alexander Neill. Todas essas três práticas (ou experiências), pode também nos levar aos conceitos de humanismo, humanismo existencial, ser e modos de ser. Neill traz também as marcas do humanismo, assim como Korczak traz algo também da fenomenologia. Tolstoi resgata a humanidade e o criticismo. Todos abordam esse desejo pela emancipação, mesmo que nos seus núcleos possa haver contradições. Conseguimos enxergar a escuta, a consideração pelo conteúdo a ser ensinado-aprendido dentro da Cultura, um ensino-aprendizagem de temas sociais, de cidadania, de ser sujeito de si com (ou junto) ao outro, no mundo.

Portanto, refletimos que se torna complexo demais pensar a educação escolar sem considerar que nela se encontra a diversidade. Acerca da situação da inclusão escolar no Estado do Espírito Santo - Brasil, sentimos as aflições do contexto atual, a luta permanente para que se efetive a inclusão e sugerimos que, apesar dos esforços

empenhados até aqui, e na maioria das vezes descrevendo experiências localizadas de sucesso, muito ainda falta a ser realizado e pesquisado. O cinema, como um modo de arte, considerado o mais completo, pode relevar-se como um possível caminho para se construir e ou produzir uma reflexão sobre a educação especial e inclusão. Um filme pode nos provocar a ir além, pois da ilusão (fantasia, ficção) podemos antever o real, o concreto.

Segundo Pires e Silva (2014), a linguagem cinematográfica atua como um instrumento de representação social imaginária que aproxima o distante, a ponto de juntar valores diferentes dentro de um mesmo discurso, de uma mesma imagética, compreendemos.

Segundo Pinel (2000), o cinema tem servido aos pesquisadores da área da educação e da pedagogia, especialmente da educação especial.

O cinema, enquanto obra de arte, é a mais completa que existe, sendo, pois, muito mais do que uma sétima arte. (...) O filme tem nos ajudado a pensar a educação especial numa perspectiva inclusiva, envolvendo-a existencialmente com uma psicologia fenomenológica que considera o ser no mundo, com o outro. Compreendemos o ser humano carente de um outro de sentido, assim como dos movimentos amorosos que emergem das relações sedutoras (ou não) entre alunos, entre professores e alunos, alunos e gestores e as políticas públicas benéficas (ou não). O posicionamento emancipador emerge desses vínculos cuja energia pode mover o saber criar resistências escolares, o aprender e o ensinar (...) Será nesse contexto escolar, um vivido significativo, é que o afeto, cognição e psicomotricidade se indissociarão na complexidade dos modos de ser (PINEL, 2005; p. 79).

Nesta perspectiva, dispendo-nos a pensar que a nossa procura é por uma educação especial inclusiva, como uma construção coletiva e que pode vir a ser refletida sob as realidades produzidas no encontro com o outro, num tempo do espaço escolar.

OS MODOS DE SER & O MUNDO

Forghieri (2017) revela que o existir básico do homem pode ser compreendido na sua relação com os seguintes mundos: o circundante, o humano e o próprio. O mundo circundante é aquele que se apresenta de modo concreto, o nosso dia a dia como, por exemplo, o ato de comer, dormir, vestir-se, trabalhar, interagir com a natureza e com as coisas/ objetos do mundo. De modo que há movimentos a serem produzidos no ato da sobrevivência: a preocupação com o produzir, os afetos que sofremos por meio das ações externas, economia, pobreza, desemprego, violência e outros. Estar neste mundo, é para o homem algo desafiador, pois dentre os seres vivos, o ele é o único que precisa produzir e transformar o meio para nele poder viver. O interessante é que esta produção se dá de modo angustiada, pois há elementos que não se pode controlar totalmente como os eventos da natureza, o modo de ser do outro e dos outros etc.

O mundo humano é constituído na relação do indivíduo com o outro; seu

semelhante, sua imagem de si. É por meio desta relação que o homem pode compreender o mundo com base nas experiências do outro - as “interexperiências” (LAING, 1974), e assim se atualizar. Podemos aqui incrementar as ideias da autora:

O meu comportamento é uma experiência do outro. E tarefa da fenomenologia (...) relacionar a minha experiência do comportamento do outro com a experiência que o outro tem do meu comportamento. Seu estudo é a relação entre experiência e experiência: seu verdadeiro campo é a ‘interexperiência’ (Laing, 1974; p. 13).

O processo de atualização do homem é um fator primordial a sua sobrevivência, pois lhe permite compreender o mundo no contexto do passado e do presente. É percebendo as transformações históricas que o homem pode se adaptar a uma nova situação, romper com uma ideia, aliar-se a uma nova ideia.

O mundo próprio, é o mundo onde o homem pode permitir-se a um encontro com o EU. Aqui-agora se desvela o ato de buscar aquilo que se torna possível ao homem *espacializar (de espaço) e temporalizar (de tempo)*, que são situações indispensáveis na busca pela compreensão do existir humano, do existir seu (próprio) com o outro. É por meio do posicionamento temporal: passado, presente, que se torna possível projetar o futuro. O espaço pode ser o aqui, o tempo pode ser o agora - e eles não são dicotômicos, entrelaçados que são no corpo encarnado.

É por meio da percepção deste lugar (espaço) e desse momento (tempo) que habita enquanto ser-sendo junto e com ao mundo e das relações interpessoais constituídas no mundo humano, que o homem pode refletir sobre a própria história, buscando compreender suas angustias, enfrentando seus medos e alimentando esperanças. Assim, afirmamos estes três mundos, e ao afirmarmos, sugerimos que eles se formam um, tornando-se responsável por produzir significações em nós, e estes significados formatam o modo como percebemos o mundo, desvelados nos modos de ser.

TRAJETÓRIA NO MÉTODO FENOMENOLÓGICO

Trata-se de um estudo científico fenomenológico baseado em Forghieri (2017) em uma atitude e ou postura na análise do referido filme. Aplicamos tal método de investigação científica na descrição compreensiva da arte fílmica japonesa. O filme pode ser classificado como yaoí, que aborda o amor ingênuo, o “primeiro amor”, entre dois rapazes. Com já pontuamos, o título é “Hidamari ga kikoeru” (2017). Procuramos produzir compreensões acerca dos modos de ser do sujeito surdo e ou deficientes auditivos, para a escola e para a sala de aula universitária inclusiva na sua relação com o outro que escuta e outras relações. Falamos, também de modo específico, de dois sujeitos em um só, o do jovem Sugihara: [1] o personagem está ficando progressivamente surdo e [2] ele fica/ é (está) surdo: O que é e como é ser em cada tempo, naquele espaço?

Assim, o filme está relacionado diretamente ao que no Brasil chamamos de educação especial (escolar e não escolar). O enredo narra a história desses dois jovens,

um surdo e outro que está perdendo a audição e que finalmente fica surdo - repetimos. A narrativa pontua as dificuldades (e sucessos) dos dois personagens em efetivamente produzirem inclusão (e exigir isso) no ambiente da escola, principalmente, mas não só. O ambiente escolar parece que convida aos dois assumirem suas existências na escolaridade, nas amizades, além das dificuldades de entregarem-se ao primeiro amor. Fora da escola a vivência é igualmente sentida, mas o filme foca bastante na sala de aula, nos corredores, no pátio, nos jardins etc.

Segundo Forghieri (2017), a realidade do ser humano está fundamentada na compreensão que ele tem das situações implícitas que vivencia, e que o faz em três dimensões: passado, presente e futuro, que se concretiza no aqui (espaço) e no agora (tempo).

Já a arte, como o cinema, pode ser compreendida, segundo PINEL (2005; 2018), como uma parte que compõe aquilo que conceituamos de realidade, onde realidade e ficção se imbricam, e mais, nos faz refletir o que é e o que não é real. Da realidade é que advém a arte, e ela possibilita ao expectador a sensibilização pelo vivido - a arte toca o sujeito, que pode provocá-lo ou convidá-lo a mudar-se e quem sabe agir mudando ao redor. Essa afirmação, a que nos aponta PINEL (2005; 2018), pode nos levar a perceber as produções artísticas como metafóricos espelhos, onde eu posso ver no outro, aquilo que sou ou desejo ser-sendo isso também algo real.

Assim, a análise deste filme é um convite a reflexão do modo como percebemos o amor, desde as construções poéticas até a personificação no relacionamento entre dois sujeitos imersos no ambiente escolar, do lar, nas ruas da metrópole etc. É por meio do corpo que habita neste espaço (e tempo) escolar que a realidade destes dois jovens é significada, é inventado sentido. Descrevemos acerca daquilo que fazem, participam e que são afetados, e falamos disso, que o mundo de cada um se organiza de modo concreto. Esta organização de mundo revela-se como afirma Forghieri (2017), num espaço de possibilidades para que o homem possa expandir sua existência na medida em que se abre para ele. Assim, é importante destacar que a pesquisa fenomenológica exigiu de nós, duas posturas fundamentais: “Epoché”: o envolvimento existencial com o objeto/ tema/ assunto (ou fenômeno) de estudo; “Eidos”: o distanciamento reflexivo, que consiste em descrever o significado do vivido pelo outro, estando o pesquisador indissociado com o sujeito. Estas duas posturas encontram-se imbricadas nas etapas que executamos no desenvolvimento desta pesquisa, tendo como referencial a obra “Psicologia Fenomenológica” (FORGHIERI, 2017).

Trabalhamos em três etapas, e dentro de cada uma, produzimos procedimentos, tudo isso vivido de modo complexo, interligado, mas aqui descrito didaticamente de modo separado:

Etapa 01: tematizamos o objeto de estudo, e isso compreende em definir e em escolher o fenômeno a ser observado, indo de encontro ao fenômeno no modo a qual ele se apresenta, como uma experiência infinita, que inclui todas as possibilidades de compreensão ao pesquisador - mas nunca definitivo e nem sólido; Procedimento

01: assistimos ao filme em dois momentos: juntos, ou seja, em grupo, na disciplina Seminário de Pesquisas I, do curso de Mestrado em Educação, UFES/ PPGE, 2018, primeiro semestre, e também o fizemos de modo individual;

Etapa 02: procuramos, de modo cuidadoso, evitar alguns obstáculos à observação, e para isso fizemos a descrição do fenômeno dentro de uma perspectiva dos dois personagens escolhidos e nas suas respectivas cenas, sendo assim uma observação sensível do aparecimento daquilo que está presente - foi emergindo modos de ser no amor, em dar e em receber; Procedimento 02: o filme é uma produção que nos moveu, e pela sua qualidade, ao nosso sentir, demandaria mais e mais refinados escritos para sua análise compreensiva detalhada e minuciosa, deste modo, optamos por compreender ao filme tendo alguns recortes, destacando cenas específicas que nossa intencionalidade nos levou a fazer;

Etapa 03: ver, sentir e descrever as próprias coisas, constituindo assim a última etapa. Consiste aqui em descrever o fenômeno interpretando compreensivamente o modo de revelar-se do fenômeno, sustentando cada ação nas posturas “epoché” e “eidos”. Destacamos que o fenômeno é uma existência singular imbricada no mundo, que se desprende de proposições que o pesquisador, e nessa experiência de sentido, adquire o que se denomina da própria “experiência de vida”. A arte passa ser nosso vivido também, e consolida-se os modos de ser amorosos, em receber e dar amor dos dois personagens. Procedimento 03: A análise fundamentou-se na teorização da existência dos modos de ser e das abordagens de “mundo” propostas pela psicóloga fenomenológica Yolanda Cintrão Forghieri (2017). O mundo pode ser cruel e perverso, mais ainda é possível localizar esferas resistenciais, onde o amor, o mais privado, mostra publicamente sua presença de sentido, sendo ele mesmo, uma prática de oposição ao estabelecido como verdade única e sólida.

OS MODOS DE SER DOS APAIXONADOS & UMA UNIVERSIDADE INCLUSIVA AOS SURDOS

Os resultados relativos aos modos de ser, envolve a questão do ser (sendo) junto (ou com) o outro, no mundo. O focaremos, como nos propusemos, no termo fenomenológico mundo (FORGHIERI, 2007, 2017) que capturamos no/ do/ com o filme referido até aqui-agora.

Os dados confirmam enunciações de enfoque fenomenológico adotado para fundamentar esta pesquisa. A afirmativa de que a arte (ficção), é também um dispositivo de se pensar a realidade como nos aponta PINEL (2018), permite perceber que as produções cinematográficas têm muito a nos ensinar sobre os modos de vida do ser humano, e pensar a realidade de que somos seres em constante transformação, adaptando-se ao novo, sem contudo, romper com o passado, vivendo o aqui-agora junto (ou com) o outro no mundo, revelando esses complexos modos de ser. Isto nos alerta para a grande importância do cuidado com o outro, e das significações que

produzimos ou que em nós são produzidas,

[...] 'ouvir' o outro, principalmente quando não tem voz, para que sua alteridade questione minha identidade [...] somente o outro como tal nos poderá proporcionar abertura e acesso ao sentido, aos sentidos e a mais sentido (FORGHIERI, 1984, p. 47).

É na relação com o outro que podemos vislumbrar o alcance dos modos de ser no/ com o amor, este sentimento que move o interesse da humanidade, mesmo quando atuam ao contrário, com ódio, com preconceitos, com guerras.

Estamos sempre a amar algo, alguma coisa - alguém, e esse modo de ser no amor tem movido a mais ações, sentimentos, pensamentos, desejos, raciocínios, gestos, expressões corporais diversas.

O amor e sua personificação é algo que vem sendo vivido pelo homem ao longo de toda a história, esta busca pela apropriação do amor é uma característica básica do existir humano, pois em posse do amor, supostamente o homem pode diluir a sua angustia diante das aflições da vida. O amor assim, é um modo de ser que se expressa movido pelo que se produziu e inventou denominar amor ao outro e a si. Um bem-estar que causa a si, que o amor não é pelo outro, mas por si mesmo.

Onde estamos, quem somos. As aflições decorrentes de nossas momentâneas dúvidas a este respeito, respiramos fundo para aliviá las, procurando, intuitivamente encontrar no ar que penetra nossas narinas, um alento para nos reanimar e nos esclarecer, na tentativas para recuperar nosso inerente ser-no-mundo, pois, a essência do homem está em ser relativamente a algo ou alguém. (HEIDEGGER, 1971^a, p.54 apud FORGHIERI, 2017, p. 28).

O homem é um mundo de desejos e projeções e é na realização destes que pensamos ser possível alcançar a plenitude, esse amor inventado na cultura, na sociedade como tácito do processo que convencionou-se a denominar amor, amor dos namorados.

No filme, o personagem Sagawa vive uma experiência acadêmica universitária nos modos de ser ouvinte e faminto. Ele vai, no seu cotidiano, produzindo por complexas tessituras, um tecido existencial, frágil ao deixar-se seduzido pelo alimento. Nesse sentido, ele traz consigo a realidade de duas questões que inquietam o existir humano, presente em si: a segurança que procura, ardosamente, pelo frenesi dos contatos extrovertidos que oferece ao outro, e com isso, o que pode vir a ser liberdade. Logo, ao assumir a experiência de entregar-se a esse vivido, parece que a vida de um estudante, ele vivencia também a angustia das dificuldades financeiras, revelada na história, pela ansiedade em comer, ele faz qualquer coisa por um bom prato. Ele nos leva a refletir sobre fato de que toda escolha é também acompanhada da angustia daquilo que deixamos para trás para viver um sonho, que neste caso é a estabilidade de um emprego, uma urgência em graduar-se por isso - nos seus modos de ser.

Sagawa se comunica com um timbre de voz estridente, são raras as cenas em que não é advertido, rejeitado e ofendido por falar ao seu modo, mais alto que o convencional pelas normas sociais, em um Japão onde falar baixo é algo recomendado,

prescrito - e então ele nos aparece nos seus modos de ser ansioso. Segundo Forghieri (2017), a existência humana consiste em estar continuamente saindo de si mesmo e transcendendo a situação imediata em direção a algo para completar-se, totalizar-se. Percebe-se que há uma sutil afirmação de que ele encontrou na própria voz um modo de resistir ao seu eminente apagamento social - a questão no filme, é sempre o modo de ser da expressão do corpo encarado, a vocal (oral) e a da expressão da língua japonesa de sinais (corporal). Falar tão alto, pode ter sido um novo modo de significar a si mesmo nos seus modos de ser, pois de certa maneira, se ouço a mim mesmo, me enxergo, me mantenho, sou visível - eu grito ansiosamente por alguém, que me sustenta, mas que tem algo a me exigir. E escolher e se responsabilizar por elas, pelas escolhas, implica em renunciar - destaca Forghieri (2017). A escolha vai marcar indelevelmente os modos de ser dos dois efebos - um escolhe comer, o outro escolhe fazer a comida. Ambos escolhem o modo de ser amados.

O enredo segue até chegar ao espaço-tempo do encontro entre os dois corpos no mundo relacional, que mostra impacto em si de cada um, diante das coisas do mundo.

Após as aulas, Sagawa já no pátio da universidade, sente fome e por não ter quem lhe ofereça algo para se alimentar, senta-se sobre o corrimão buscando apoio - ele se desvela comédia, em uma nação com poucos empobrecidos. A sua fome produz risos no espectador, mas a juventude e beleza imberbe dos atores produz mescla de riso e só+riso de prazer... Os modos de ser na fome no Japão. Neste contexto, a da representação da fome, nos lembra da necessidade fisiológica do corpo, que precisa ser cuidado para poder viver, ficar de pé, de modo que afirmamos que o corpo imerso no mundo, vive a dicotomia de viver e morrer simultaneamente, as células de nosso corpo morrem para produzir novas células, e vivem para morrer, este é o ciclo natural da vida. Modo de ser procurando vida básica de Sagawa, o agitado, o comédia da vida privada, o mandão, o ativo, o que exige, mas que ninguém cede, por ora.

Tal qual nosso corpo, é assim também nosso modo de sentir. Vivemos e morremos simultaneamente. A caminhada entre um sonho e sua possível realização é composta pelos modos de ser corajoso e desafiador, de conquistar e de perder, o fundamental ser da angustias (que todos nós temos como estrutura de ser), ansiedade profunda e medo. É no encontro com o outro, no acordo de cuidado que firmamos, algo produzido na relação interpessoal (e social) que nossa solidão pode ser diluída em possibilidades de administrar este contexto. Sugihara é um jovem que, estando isolado, é o que salvará Sagawa ansioso, um sujeito com duas fomes: [1] a de comer comida, e a [2] fome de amor. Em síntese: um tem o que o outro demanda. Estamos descrevendo o verdadeiro encontro que emerge modos de ser no/ do/ com o amor.

Sagawa, um jovem numa sociedade marcadamente capitalista, e que se mostra nos seus modos de ser comilão, magro pela estrutura física no povo japonês, raramente gordos, pela representação que nos chega no Brasil. Ele quer futuro, e sente fome. Alguém precisa saciá-lo. Assim pensamos: a constante fome dele pode ser comparada

ao desejo de ser cuidado e de cuidar - de amar, e ser amado. Mas é preciso dar para receber, é uma dura lição para aprender a amar. Associamos a esta afirmação, há na cultura japonesa um ritual a ser cumprido no cuidado de Si, no cuidado com o corpo, de modo que a expressão *Itadakimasu* (いただきます ou 頂きます), , que pode ser traduzida como “receber” é utilizada antes das refeições e revelam a gratidão pelo alimento, pelo desejo do corpo saciado. Corresponde ao *seme* (que deseja comer) e o *uke* (que deseja ser comido). Ao mergulhar neste contexto da cultura, parece-nos que Sagawa busca o amor, o ser compreendido, o cuidar e o ser cuidado - ele quer comer, e espera que alguém dê a ele, se entregue aos seus famintos encantos.

Na narrativa, o personagem faminto se define desajustado devido a causas psicológica, somente a ela. A questão do Estado e do desemprego não aparece, mas é evidente que há um capitalismo ferrenho que ele não dá conta, de uma sedução que o capitalismo não quer adentrar, que está localizada na esfera do amor como produtor de modos de ser perturbador, pois o amor, no se refinamento, perturba. Diz Pinel (2005; p. 121):

(...) o ‘cuidado amoroso’ ameaça muito mais à ideologia dominante e repressora do que as armas mortíferas, como as metralhadoras mais potentes, o tráfico de drogas descontrolado, as religiões depauperantes e desobedientes ao status quo estabelecido, espadas enfiadas ao Deus dará (...).

O ser carente de comida sentia silenciosamente a ausência dos pais que o deixara aos cuidados de um terceiro, o avô, este que ainda que demonstrasse um afeto singular, não poderia substituir-lhe as perdas amorosas parentais, nada pode. É assim um modo de ser simplista na compreensão de si (mundo de si, E), diante do mundo advindo do outro e no ambiente, mundos. Mas podemos buscar novos sentidos, temporalizando-os, espacializando-os - no mundo, junto (ou com) ao outro. Um tempo de amar, um espaço amoroso. Tudo internalizado, advindo do mundo, do ser no.

Na universidade, aparentemente inclusiva, afinal temos ali um aluno em processo de surdez, e finalmente surdo. Há uma sala de aula onde ele começa a revelar os problemas de ser no mundo. Há um vínculo afetivo que o move, e que estamos denominando, “modos de ser amoroso”, em um mundo nem sempre hospitaleiro, mundo do outro, do si mesmo, das coisas e da natureza. Podemos supor que esse modo de ser amoroso é algo fundamental, como uma prática de resistência contra o estabelecido. O papel do surdo é ser respeitado, e isso, no caso da narrativa, é feito pela via do amor. No cinema, o amor é um clichê que arrebatou multidões, o amor idealizado, nem sempre encontrado na realidade.

Se há uma prática de resistência podemos inserir aí o mundo da educação escolar, do amor e da pessoa do surdo e da surdez. Na realidade brasileira, Santana (2016) nos aponta que o vivido não tem sido fácil, e diz:

Os alunos surdos apontam dificuldades relacionadas à didática dos professores, dificuldade de produção e interpretação textual de gêneros secundários, falta

de intérpretes. Ou seja, eles não se sentem capazes de atender a demanda de letramento que se espera dos universitários (p. 85).

No filme japonês, apenas por ele, encontramos Sugihara perdido ao ir-se a cada dia descobrindo-se surdo, com preconceito contra si mesmo e ao pequeno grupo de meninas que o acham um “gato”, uma espécie de “gato escaldado”, já que gosta e ama um outro, Sagawa, e sabe de quem gostará. Gradualmente sua identidade, pela vida do modo de ser amoroso, vai se consolidando, consolidando no seu cotidiano de ser existente.

Imaginamos que a universidade possa ser um espaço (e um tempo) de produção dos bons encontros humanos, nesse mundos que se entrelaçam em um mundo só. A psicologia fenomenológica tem muito a contribuir com isso. O “mundo” do ser humano, mundo humano, diz respeito ao encontro às convivências das pessoas como seus semelhantes - com o outro, ser de outriedade, afinal a “relação do homem com outros seres é fundamental para sua existência” (FORGHIERI 2017 p.31).

Há algumas práticas escolares democráticas focadas nos encontros humanos, nas experiências vitais e potentes dos “modos de ser amorosos”, em um mundo complexo, como em Liev Tolstói, Janusz Korczak e Alexander Neill (in SINGER, 1997), Carl Rogers etc. No Brasil, temos o reconhecido pedagogo Paulo Freire com suas marcas marxistas, fenomenológicas, existencialistas, humanistas - a Pedagogia do Oprimido criada por ele, sendo de longe, a teórica e a prática mais estudada na contemporaneidade, e em todo o mundo. Há isoladamente professores da esfera fenomenológico-existencial que promovem tais práticas educacionais universitárias democráticas com fortes resíduos resistenciais, e no Estado do Espírito Santo mesmo, lugar-tempo de onde emerge esse artigo científico, há o reconhecido professor e pesquisador Jaime Roy Doxey (1986) que até hoje produz e publica suas experiências “centradas na pessoa” (baseadas em Carl Rogers e suas vertentes atuais), agora focando-se também no ensino superior a distancia.

PÓS-ESCRITO

Nossos escritos findam-se neste capítulo, mas nossos estudos e pesquisas prosseguem. Defendemos aqui-agora que as nossas reflexões até esse presente instante parecem nos conduzir a buscar novas nuances do pensar, sentir e agir - compreender - a educação especial na perspectiva inclusiva que leva em conta os modos de ser amorosos em um complexo mundo de si, do outro e dos objetos e natureza desse mesmo mundo. Cientes dos desafios a qual nos propomos a superar, buscamos ancorados em FORGHIERI (2017), a análise deste filme japonês que descreve a relação entre dois estudantes, um ouvinte, empobrecido e faminto, e o outro, em processo de ficar surdo e sendo surdo, classe média e ávido por dar água ao sedento - ambos se movimentando nesse mesmo mundo pelos “modos de ser amorosos”. E tendo como pano de fundo essa história fictícia presentes neste filme,

passamos a sentir, pensar e agir a educação como potente ferramenta de enfrentamento das produções da exclusão do surdo ou deficiente auditivo.

O filme deixa-nos um legado de lembrarmos continuamente que o nosso viver é finito, permeado de coragem e medo e que é na relação com o outro que podemos obter a consciência de nossa própria existência - uma relação amorosa, seja de conteúdo sexual ou da mais pura amizade. Desejamos encontrar algumas respostas de como fazer uma educação para todos a partir das obras de artes, especialmente cinema vídeos, séries de TV, novels, roteiros, romances, poesias etc. Contudo, sem perdemos a alegria e o desejo de perguntar sempre: O que é e como é isso vivido nas artes que pode contribuir com o concreto (real) do que denominamos de educação especial escolar e não escolar?

Hidamari, o protagonista, nos diz logo no começo dessa sensível película:

"- Acho que vou acordar! O som do relógio e do carro derramam-se sobre mim. Eu me recordo de estar muito só, em um lugar ensolarado, esperando até que minha voz quente seja escutada".

Bem... Vamos acordar, pois há muito o que fazer pelos estudantes que se desvelam nos modos de ser amorosos nesse complexo mundo, tornar a escola espaço-tempo do amor, de um amor além da mesmice, de um amor que pode mover o ato sentido de conhecer conteúdos escolares e conteúdos fora desse espaço, mas que nele transita. Um amor que ameaça o status quo estabelecido.

Nota:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Código de Financiamento 001. "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Finance Code 001"

REFERÊNCIAS

DOXSEY, Jaime Roy. A sala de aula universitária como comunidade de aprendizagem e contexto psicossocial para mudança. In: CAPPELLETTI, I.F.; MASETO, M.T.. (Org.). **Ensino Superior; reflexões e experiências**. 1ed. São Paulo: EDUC/ PUC, 1986. p. 147-200.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Aconselhamento terapêutico**; origem, fundamentos e prática. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão et al. **Fenomenologia e psicologia**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HIDAMARI ga kikoeru. Direção: Daisuke kamijô. Japão. 2017. 1. 12 min. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=dL02eiWhHIM> > Acesso em: 19 fev. 2019.

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior. Produção: Martine de Clermont-Tonnerre e Arthur Cohn. Intérpretes: Fernanda Montenegro; Marília Pera; Vinicius de Oliveira; Sônia Lira; Othon Bastos; Matheus Nachtergaele e outros. Roteiro: Marcos Bernstein, João Emanuel Carneiro e Walter Salles Júnior. [S.l.]: Le Studio Canal; Riofilme; MACT Productions, 1998. 1 bobina cinematográfica (106 min), son., color., 35 mm.

LAING, Ronald. **A Política da experiência e a ave-do-paraíso**. Petrópolis: Vozes, 1974.

KUNIGAMI, A. K. **A imagem do cinema japonês- política e ética do olhar e do corpo**. Disponível em: <http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde_arquivos/28/TDE-2011-04-29T123431Z-2889/Publico/Keiji2009%20Dissert.pdf> Acesso: 07 jul. 2018

PINEL, H. Amizade na educação especial escolar e não escolar: um estudo fenomenológico a partir do filme tawanes “Eterno verão” (2006), de Leste Chen. In: VICTOR, S. L.; VIEIRA, A. B.; OLIVEIRA, I. M. de. (Org.). **Educação especial e inclusiva: conceituações, medicalizações e políticas**. Campos de Goytacazes, RJ: Brasil multicultural, 2018. p. 144-167.

PINEL, Hiran. **Apenas dois rapazes e uma educação social**; cinema, existencialismo, educação e inclusão. Vitória: Do Autor, 2005.

PIRES, M. da C.; SILVA, S. L. P. **O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo**. Educ. Soc., Campinas, v. 35, n.127,

p. 607-616, abr.-jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v35n127/v35n127a15.pdf>> Acesso em: 07 jul. 2018.

SANTANA, Ana Paula. A inclusão do surdo no ensino superior no Brasil. **Journal of Research in Special Educational Needs**. Volume 16; Number s1; 2016. p. 85-88. Sítio: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1471-3802.12128> [Capturado em 19 de fevereiro de 2019].

SINGER, Helena. **Repúblicas de crianças**; sobre experiências escolares de resistência. São Paulo: Hucitec/ Fapesp, 1997.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME: Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-431-3

